

A cidade antiga e as muralhas: Magna Grécia e Sicília, uma proposta de interpretação

Patrícia Boreggio do Valle Pontin*

PONTIN, P.B.V. A cidade antiga e as muralhas: Magna Grécia e Sicília, uma proposta de interpretação. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 12: 141-145, 2011.

Resumo: Esta investigação pretende promover um maior conhecimento sobre as muralhas de algumas das principais *poleis* gregas da Magna Grécia e Sicília nos períodos Arcaico e Clássico para melhor entender a função simbólica e sagrada das mesmas.

Palavras-chave: Muralhas – Fortificações – Magna Grécia – Sicília – Grécia Antiga.

Objetivos e justificativa

Esta investigação pretende promover um maior conhecimento sobre as muralhas de algumas das principais *poleis* gregas da Magna Grécia e Sicília nos períodos Arcaico e Clássico para melhor entender a função simbólica e sagrada das mesmas.

Diferente da cerâmica, das esculturas, e das inscrições, o testemunho das muralhas é raramente publicado. As muralhas não tiveram muita atenção dos estudos Clássicos, talvez porque do ponto de vista histórico raramente foram atrativas ou por serem de difícil datação. Se elas não podem ser datadas seu valor como documento histórico é severamente limitado. Uma muralha pode ser datada, primeiramente, por uma referência literária direta, ou, melhor ainda, por inscri-

ções. Segundo, pelo estilo da alvenaria e pelos detalhes da construção.

Segundo Martin (1956: 189), a cidade grega é modelada em primeiro lugar por suas linhas exteriores: suas muralhas. Do mesmo modo, Garland (1991: 119) afirma que desde a época homérica, a cidade, vista do exterior como pólis, aparece em princípio contornada por uma muralha, e isso é ainda mais verdadeiro na época clássica, em que a noção de fortificação liga-se a um aspecto cultural. Não é por acaso que representações plásticas ou pictóricas gregas, como relevos, pinturas, mosaicos adotaram as muralhas como elemento simbólico da cidade. Segundo Garland (1991: 121, 125), na iconografia grega, personificações das próprias cidades ou de sua *Tyché*, no geral, são cobertas com a coroa torreada sobre a cabeça, personificando as cidades.

De acordo com Hansen (2004b: 135), dos quatrocentos e noventa e um assentamentos atestados como *poleis* nas fontes arcaicas e clássicas, trinta e dois não possuem muralhas. Das restantes quatrocentas e cinquenta e nove *poleis*, duzentas e sessenta e uma são atestadas arqueo-

(*) Bolsista de pós-doutorado da FAPESP junto ao Labeca - MAE/USP. ppontin@usp.br

logicamente como fortificadas antes do fim do período clássico.

Em Homero, as cidades renomadas são protegidas por muralhas, como Tróia (Il. 3, 153), Tebas (Il. 19, 99) e Tirinto (Il. 2, 559). A pólis murada é representada no escudo de Aquiles (Il. 18, 514). Também o muro íngreme (Il. 6, 327) ou os longos muros da pólis estão entre os epítetos padrão usados para descrever a cidade, (Il. 4,34).

Das mil e trinta e cinco *poleis* do *Inventory of archaic and classical poleis*, sessenta por cento do total são explicitamente atestadas como assentamentos amuralhados. Além disso, ao todo, duzentas e vinte e duas dessas *poleis* são atestadas nas fontes literárias como fortificadas (Hansen 2004b: 137).

Uma grande questão da economia grega é o custo de construção de um circuito de muralhas. O financiamento da construção das muralhas da cidade era um fardo considerável (McK. Camp II 2000: 46). Aqueles que viviam num assentamento a ser fortificado tinham que estar prontos para contribuir com trabalho ou dinheiro, ou ambos. No final do século V a.C., para reforçar a defesa da cidade, Dionísio I decidiu construir uma muralha monumental fortificando não só a parte urbanizada de Siracusa, como também a Epípole (cidade alta) que, durante o assédio ateniense (415-413 a.C.), tinha representado o ponto fraco do sistema defensivo. A extremidade oeste do circuito da muralha possui uma fortaleza chamada de Castelo Eurialo. Do trabalho participaram 60.000 homens, que construíram em 20 dias um longo muro de 5.000 metros, para a defesa da parte Norte da Epípole, segundo nos conta Diodoro (XIV, 18, 2-8), o resto foi depois edificado em seis anos sucessivos (entre 402 e 397 a.C.). A muralha tinha em seu trajeto norte 5,7 km; no lado leste que acompanha o mar, 7,8 km e no trajeto sul, 5,7 km.

Diodoro Sículo, em sua descrição da fortificação da Epípole em Siracusa por Dionísio I em 401 a.C., nos fornece a melhor indicação do custo total de um circuito de muralhas. Estes custos e a descrição de Diodoro deixam claro que as muralhas representam consideravelmente a maior expressão física do público, da parti-

cipação comunal, se pensarmos em termos de dinheiro, de trabalho, ou organização.

Se por um lado podemos entender a muralha como uma obra militar, por outro lado, podemos perceber que nessas escolhas estratégicas essenciais para a construção das muralhas, foi levado em conta todo um complexo de dados em que o econômico, o social, o político e o militar aparecem estreitamente imbricados.

Percebemos durante nossas leituras que nesta árida temática das muralhas, o único autor que aborda a necessidade do abandono de uma história exclusivamente técnica e descritiva das fortificações é Yvon Garlan em seu artigo "Fortifications et histoire grecque" em *Problèmes de la guerre en Grèce ancienne* (Vernant 1968: 245-60). Segundo este autor, há sem dúvida uma ligação entre as *poleis* e as suas muralhas que ultrapassa o plano militar.

Tendo em mente o espaço construído não apenas pela sua forma, mas também pelo seu sentido ideológico, pretendemos desenvolver o estudo das nossas muralhas considerando seus aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais e, não, nos restringindo apenas aos seus aspectos formais. Nossa proposta é abandonar uma investigação puramente técnica e descritiva das fortificações, pois as muralhas não são monumentos e documentos mudos, e apontar para uma dimensão mais social e política, tarefa que ainda não foi empreendida pelos pesquisadores nessa temática. Assim, como objeto material carregado de conotações ideológicas e simbólicas, acreditamos que o estudo das muralhas gregas nos possibilitará estabelecer sua relação com o contexto social no qual elas estão inseridas.

As teorias de autores como Pearson, Rapoport, Lawrence e Low, McGuire e Schiffer, Zarankin e Acuto, na medida em que destacam a importância do espaço construído não apenas pelo seu aspecto formal, mas também pelo seu sentido ideológico, nos interessam no âmbito da interpretação que pretendemos desenvolver em nossa pesquisa.

Dessa forma, a arquitetura, as fortificações, por conseguinte, podem ser um meio para o estudo do mundo social por serem um elemento constitutivo da paisagem humana. Através da análise de uma forma arquitetônica podemos

conhecer importantes aspectos relacionados ao modo de vida e visão de mundo das sociedades que a produziram. Assim ao estudar um espaço construído é muito importante conhecer as características específicas da cultura que o produziu, como seus ideais implícitos, o jeito de agir socialmente, a maneira correta de comportar-se, pois esses fatores influenciam na configuração do espaço construído como um todo.

Proposta de trabalho

Para dar início à nossa pesquisa começamos uma investigação e um levantamento preliminar das *poleis* gregas da Sicília e do sul da Itália e de suas fortificações nos períodos arcaico e clássico. Estudando inclusive suas plantas, selecionamos, a princípio, 10 sítios arqueológicos para integrar nosso estudo. Esses sítios foram selecionados por se tratarem de algumas das principais *poleis* gregas no Ocidente e por apresentarem vestígios de muralhas dos períodos que pretendemos tratar. São eles: Agrigento, Camarina, Locris, Metaponto, Naxos, Poseidônia, Selinonte, Siracusa, Tarento e Vélia. Em primeiro lugar, a partir de toda informação que recolhemos publicada sobre nosso tema, pretendemos realizar um inventário arqueológico que reúna e ordene essas informações e que sirva de fundamento para nosso trabalho posterior.

Em segundo lugar, através do registro e tratamento da informação gráfica e documental desse material coletado, de modo sistemático, faremos o mapeamento das muralhas nas plantas dos sítios onde se encontram localizadas, e, faremos comparações entre elas. Em terceiro lugar, completaremos tal informação trazendo a luz aquela documentação inédita, percebendo as mudanças ocorridas nas muralhas nos séculos que tratamos.

Nosso objetivo é compor um banco de dados e imagens sobre as muralhas referente ao levantamento dos sítios arqueológicos por nós visitados. Pretendemos desenvolver dois temas básicos. O primeiro tema é entender a questão das fronteiras e a muralha como materialização delas. Entender as oposições: bárbaro x heleno; civilizado x não civilizado; protegido por

energias divinas x desprotegido. Abordaremos a questão das muralhas no contexto da colonização grega (sécs. VIII-VII a.C.), na Magna Grécia e Sicília, onde as cidades gregas contrastam muitas vezes com os territórios povoados por nativos, chamados “bárbaros” para tentar responder a algumas questões:

1) Nessas fundações gregas, as necessidades defensivas em território estrangeiro tinham um caráter imperativo?

2) A adoção do circuito de muralhas foi no geral muito precoce nos assentamentos coloniais, isso se deu em razão de um arredor muito hostil?

3) As muralhas simbolizavam a afirmação das fundações gregas frente aos não gregos?

4) Muitos textos de autores antigos associam as noções de cidade, de muralhas e de civilização. Nesse sentido a existência de muralhas é essencialmente reveladora de uma natureza humanizada, e sua ausência é sinônimo de barbárie?

5) A ausência de fortificações só pode conceber-se em uma sociedade primitiva? Em que se fundava, na Antiguidade, essa concepção da muralha como fato de civilização?

Ao tentar responder essas questões procuraremos perceber as implicações políticas das muralhas na história dessas *poleis*, e em que medida as muralhas são um símbolo de soberania das mesmas. Os deuses são designados para guardar as portas de muitas dessas cidades de fundação grega, e é freqüente que as divindades sejam representadas diante dessas portas. As cidades fazem dos muros e de suas portas uma *res sacra*, o elemento primário e sagrado do agrupamento urbano, como afirma Martin (1956: 189-190); os muros sagrados estão cercando os templos dos deuses. Pretendemos perceber o profundo valor religioso que se dedicava à muralha a partir do estudo das cerimônias realizadas para a determinação dos limites exteriores do território urbano.

6) O núcleo urbano constituía uma espécie de sacralidade que seria ímpio de abandonar e, nesse caso, as muralhas representariam por assim dizer o papel de circuito sagrado?

Nesse contexto religioso, não podemos deixar de mencionar os santuários como locais

de refúgio. Uma das mais importantes funções dos santuários era prover asilo aos refugiados políticos.

7) A organização espacial dos santuários prestava-se ao uso por refugiados e soldados acantonados. Em que medida cada templo é nele mesmo uma pequena fortificação?

O segundo tema diz respeito às muralhas e a urbanização: criação de áreas de refúgio; relação das portas com o interior e com o território exterior no qual estão inseridas. Como foi bem afirmado por Perring (1991: 273-274), todas as cidades incorporam alguns elementos arquitetônicos que proporcionam o envolvimento e outros que o excluem. Praças, pórticos e avenidas largas podem dar as boas vindas a algumas esferas da vida social ao residente ou ao visitante. Mas, muralhas, restrições a entradas em certas propriedades e a ausência de facilidades essenciais podem desencorajar ou até mesmo impedir alguns tipos de uso. Em tal abordagem que visa uma estratégia de inclusão, a ordem social é encorajada pela identificação dos interesses da comunidade pelo espaço urbano que é supervisionado pelo uso público. Ao contrário, é possível desenvolver estratégias de exclusão onde o espaço pode ser estruturado para excluir ou deter pessoas e atividades indesejáveis e, portanto, reservá-lo para atividades mais aceitáveis. Seja como for, elas encontram uma expressão física e podem, portanto, ser

estudadas por meio das evidências arqueológicas disponíveis, no nosso caso, as muralhas. O planejamento das ruas, a adoção de fronteiras, de ruas ou de propriedades e a demarcação clara entre o urbano e o rural, tudo isso em conjunto atesta a existência de controles rígidos do uso do espaço urbano. A dupla cidade-território constitui o que podemos chamar de espaço cívico, no interior do qual os cidadãos podem tomar consciência de sua identidade.

8) Por ser comum a todos os cidadãos por excelência, garantindo em última instância a segurança de todos, a muralha é a referência a partir da qual o cidadão toma a medida do espaço cívico?

9) As muralhas materializam em primeiro lugar o limite entre a aglomeração urbana e os arredores do campo. Se a muralha é uma linha de demarcação, em tempos de paz, ela é uma barreira estanque entre a *ásty* e a *khóra*?

10) Como as muralhas interferem no *vai-e-vem* permanente entre as duas zonas?

11) De que forma a muralha exerce controle sobre as esferas econômicas, políticas e religiosas, dada a sua expressão física e simbólica?

Com o encaminhamento destas questões relativas às muralhas, pensamos trazer uma contribuição para o conhecimento da natureza mesma da materialidade da pólis no tocante à articulação de seus espaços e à integração das funções desempenhadas por seus habitantes.

PONTIN, P.B.V. The ancient city and the walls: Magna Graecia and Sicily, a proposed interpretation. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 12: 141-145, 2011.

Abstract: This research aims to promote a better understanding of the symbolic and sacred function of the walls of the some poleis of the Magna Graecia and Sicily in the Archaic and Classical periods.

Keywords: City Walls - Fortifications - Magna Graecia - Sicily - Ancient Greece.

Referências bibliográficas

- DIODORO DA SICÍLIA
 1976 *The Library of History of Diodorus of Sicily*. Trad. C.H. Oldfather. Londres: Harvard University Press.
- GARLAN, Y.
 1991 *Guerra e economia na Grécia Antiga*. Campinas: Papyrus.
- HANSEN, M.H.
 2004a *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford: Oxford University Press.
 2004b City walls as evidence for polis identity. In: Hansen, M.H. *An Inventory of Archaic and Classical Poleis*. Oxford, Oxford University Press: 135-137.
- HOMERO *Iliada*.
 2004 Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro.
- LAWRENCE, D.L.; LOW, S.
 1990 The built environment and spatial form. *Annual Review of Anthropology*: 453-505.
- MARTIN, R.
 1956 *L'urbanisme dans la Grèce Antique*. Paris: A.J. Picard.
- McK. CAMP II, J.
 2000 Walls and the Polis. In: Flensted-Jensen, P.; Heine-Nielsen, T.; Rubinstein, L. (Eds.) *Polis & Politics. Studies in Ancient Greek History*. Copenhagen, Museum Tusulanum Press: 41-57.
- MCGUIRE, R.; SCHIFFER, M.
 1983 A Theory of Architectural Design. *Journal of Anthropological Archaeology*, 2 (3): 277-303.
- PEARSON, M.P.; RICHARDS, C. (Eds.)
 1997 *Architecture & Order – Approaches to Social Space*. New York: Routledge.
- PERRING, D.
 1991 Spatial organization and social change in Roman Towns. Rich, J.; Wallace Hadrill, A. *City and Country in the Ancient World*. Londres, Routledge: 273-293.
- RAPOPORT, A.
 1978 *Aspectos humanos de la forma urbana*. Barcelona: GG.
 1982 *The meaning of built environment: a non-verbal communication approach*. Tucson: University of Arizona Press.
- VERNANT, J.-P. (Ed.)
 1968 *Problèmes de la Guerre en Grèce Ancienne*. Paris: La Haye.
- ZARANKIN, A.; ACUTO, F.A. (EDS.)
 1999 *Sed non Satiata – Teoria Social en la Arqueologia Latino-americana Contemporanea*. Buenos Aires: Ediciones del Tridente (Colección Científica).